

Há alguns anos encaminhei à prima Ericina, em Portugal, um quadro contendo os nomes das filhas e filhos de nosso bisavós Antônio José Durães Castanheira e Maria do Carmo Moura Costa Catanheira. A grande indagação era sobre a vinda dos três irmãos Castanheira e o vizinho, narrada, numa gravação, pelo nosso pai (Álvaro). Uma nova história nos é contada por uma prima Elisa, professora de física, residente em Lisboa, com mais de 60 anos de idade, nascida e criada em Fiais da Telha, terra onde nasceu nosso avô Francisco Augusto.

Na narrativa de nosso pai, vieram três irmãos: Francisco Augusto, José Augusto, Tio Antonio e um vizinho de nome José Lopes da Silva. Dos dois primeiros sabemos que vieram no Navio ELBE em 1877. Documentos foram “descobertos” pelas primas da família de Ponte Nova. Do Tio Antonio e do José Lopes da Silva não conseguimos, até então, documentos para dar sustentação às narrativas. De qualquer forma o que nos conta Elisa, em parte, coincide com a narrativa de nosso pai. Segue o texto da Elisa:

**“80- Antônio Augusto Durães Castanheira** *(Não há provas documentais.)*

Conta-se que foi estudar para Coimbra.

«Bon vivant», tomava parte ativa na vida acadêmica dedicando-se às tradições, boêmias estudantis. Dizem que cantava muito bem sendo conhecido pela sua participação nas serenatas acadêmicas.

Na aldeia não lhe faltavam aventuras amorosas e tal como outros familiares era frequentador habitual e assíduo do «pátio da mouraria». Consta que tinha aí uma namorada de quem gostava muito de nome Teresa. Esta moça acompanhava-o por vezes nas noitadas e folias de Coimbra. Diz-se que também ela cantava muito bem sendo por isso a sua presença aceita, embora, na altura a presença feminina não fosse permitida nestas festas acadêmicas. Quando necessário a sua presença seria disfarçada graças à capa do Antônio, disfarçando assim a participação desta nos cantares do fado da academia. Numa destas festas, porém, surgiu um conflito entre ele e um dos professores que se tinha apercebido deste facto. Diz-se que ele agrediu o professor e em consequência foi expulso da academia e extraditado para o Brasil. Nesta viagem foi acompanhado por alguns dos irmãos e por um amigo da aldeia o José Lopes da Silva.

Na sua partida precipitada não se despediu da Teresa. Mas conta-se que esta teria com ele uma filha que não chegou a ser reconhecida (bastardos).

Do futuro deste relacionamento e após a partida deste para o Brasil contam-se diferentes versões:

1) Quando anos depois veio de visita a Portugal, foi vê-la e prometeu vir buscá-la bem como à filha. Tal não se verificou. Falaram, na altura que ao regressar ao Brasil foi assassinado e por esse motivo não cumpriu a promessa à sua amada.

2) Outras pessoas diziam que ele não voltou por ter deixado outra família no Brasil.

3) a mais credível, pois há testemunhos de que ela viveu ao cuidado desta família e aos filhos dela foi contada esta história – conta-se que depois de ter vindo a Portugal levou consigo a Teresa, mas deixaram a filha de nome Etelvina aos cuidados da Etelvina Castanheira casada com Chico Ribeiro e sua prima. Nunca mais voltaram para levar a filha. Esta foi criada nesta família e foi a partir de lá que casou.

Não há provas e portanto não se sabe se alguma destas versões corresponde à realidade.

\*Nota1: Diz-se que o José Lopes da Silva era meio irmão do Francisco, José Augusto e António, os irmãos da família Castanheira que foram para o Brasil.

Era filho de uma senhora que tinha vindo de Tonda, a Marquinhas da Tonda, a quem mais tarde passaram a chamar « Marquinhas das casas altas» e que viveu em dado momento no « pátio da mouraria». Para além do José, teve uma filha que veio a casar com o Sr João do Crúzio que tinha uma loja no Terreiro da fonte. A avó Guilhermina disse sempre que esta também pertencia à família Castanheira. Filhos desta senhora vieram a emigrar para o Brasil chamados ao que parece por um tio?

Nota 2: o espaço onde existiu o «pátio da mouraria » pertence hoje à família do Fernando Redondo. Este era o moleiro da aldeia que veio a casar-se com uma Sr<sup>a</sup> Etelvina que dizia ser da família Castanheira por ser filha da tal Sr<sup>a</sup> Teresa a bem amada do António Castanheira.